

ESPAÇOS DA MEDIAÇÃO

IV Simpósio Internacional Digital Espaços da Mediação
Desenho como prática da memória

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
da Universidade de São Paulo

ORGANIZADORES

Edson Leite

Carmen Aranha

Rosa Iavelberg

Evandro Nicolau



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Museu de Arte Contemporânea

MAC USP

São Paulo

2021

São Paulo

2021 (Permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada fonte e autoria.
Proibido qualquer uso para fins comerciais sem autorização expressa dos autores.)

© 2021 – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Av. Pedro Álvares Cabral, 1301 - Ibirapuera - CEP 04094-050 - São Paulo/SP

tel.: 11 2648 0984 - email: mac@usp.br - www.mac.usp.br



Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Lourival Gomes Machado
do Museu de Arte Contemporânea da USP

Simpósio Internacional Espaços da Mediação (4., 2021, São Paulo).

Espaços da mediação : desenho como prática da memória / organização Edson Leite, Carmen S. G. Aranha, Rosa Iavelberg, Evandro Nicolau. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2021. 362 p.; il.

ISBN 978-65-87871-01-1

DOI 10.11606/9786587871028

1. Arte-educação. 2. Desenho. 3. Memória. 4. História da Arte. 5. Estética (Arte). I. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Estética e História de Arte. II. Leite, Edson. III. Aranha, Carmen S. G.. IV. Iavelberg, Rosa. V. Nicolau, Evandro.

CDD – 700.7

Esta publicação é resultado do IV Simpósio Internacional Digital Espaços da Mediação - Desenho como prática da memória, realizado de 23 a 25 de agosto de 2021 e transmitido pelo Canal Youtube do MAC USP.

Ficha do catálogo

Autores: Edson Leite; Carmen Aranha; Rosa Iavelberg; Evandro Nicolau

Obra Capa: Leonilson, 1957 Fortaleza - 1993 São Paulo [A lua é dos namorados]

data C. 1981 • nanquim, tinta de caneta permanente e tinta metálica sobre papel colorido • foto © Romulo Fialdini / Projeto Leonilson

Revisão dos textos em português: André Henriques Fernandes Oliveira

Projeto Gráfico Padrão: Elaine Maziero

Desenvolvimento do Projeto Gráfico: Denise Ikuno

Realização:



Apoio:



Grupo de Pesquisa Arte na Educação,
na Formação de Professores
e no Currículo Escolar | CNPq

Grupo de Pesquisa
Cultura e Arte no Lazer
e Turismo | CNPq

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Edson Leite, Carmen Aranha, Rosa Iavelberg e Evandro Nicolau 9

Educational Activities in the Polisario Refugee Camps - A Creative Empowerment Approach

Rolf Laven 11

Desenhos e Narrativa de Crianças na Pandemia

Rosa Iavelberg e Leandro Oliva Costa Penha 23

E-Arteeducação no MAC USP: visitas em ambiente digital na pandemia da covid-19

Evandro Nicolau 43

Ações Educativas do MAC USP durante a pandemia da Covid 19: desafios e reflexões

Andrea Amaral Biella e Aline Castelani Kanay 62

Olhar, experienciar e educar: história, pandemia e urgências desveladas pela arte urbana

Carolina Rezende e Edson Leite 78

Arte e fé nas Procissões de Trasladação da Imagem de Nossa Senhora da Penha, em São Paulo, em momentos de calamidades e epidemias

Maria Cristina Caponero 85

Por um inconsciente gráfico: sobre algum lugar entre desenho e memória

Fernando Chui de Menezes 95

Lembranças de um passado vivido coletivamente

Moema Rebouças e Adriana Della Valentina 106

Acervo de Arte da UFES: produção de sentido de si Adriana Magro	122
Catálogos de exposições de arte: diferentes propostas e finalidades Renata Sant'Anna de Godoy Pereira	139
Breve reflexão sobre o curso - Ver, dialogar, experimentar arte: imersão no MAC USP Maria Angela Francoio	153
O ensino de arte no chão da escola: desafios frente às reformas educacionais Pedro Bernardes Neto	171
Públicos dos públicos: flagrantes da recepção em narrativas gráficas Diogo de Moraes Silva	180
Reflexões sobre arte, educação e identidade cultural Antonio Cavalcante Santos	192
Arte e educação no ambiente virtual Christiane Wagner	199
Memorial do desenho: imagem quase-presença Carmen Aranha	213
Vernáculo Vitor Mizael	229
Desenho Rodrigo Munhoz	245
Gestos em tensão: memória do corpo em desenho José Carlos Suci Júnior	249
Desenho de dentro para fora Constança de Lucas	255
Desenho por todos os lados Emerson Persona	263
Imagem dialética no retrato invertido cubista ou fantoche pinup cross-media de Mark Napier, 2009 Telma Azevedo	271

Desenho coletivo como intervenção, experimentação e crítica da arquitetura e do urbanismo Ana Feitosa; Kayo Gabriel Sousa; Shelda Gomes	283
Ilustração de moda como retrato da modernidade Astrid Sampaio Façanha e Josenilde S. Souza	294
Tarsila sobre papel Nerian Teixeira de Macedo de Lima	301
Mira Schendel e a significação judaica em suas obras Olívio Guedes	312
As Sombras de Krajcberg: desenhos da natureza Luciana Perrotti e Edson Leite	318
Izabel Mendes da Cunha: um capítulo da história da cerâmica artística contemporânea brasileira Jonathan Gurgel de Lima	323
Octávio Araújo: da imitação à criatividade Luciana Allegretti	334
Trajectoria artística de Antonio Benetazzo: memória, educação e arte Vera Lucia Souza e Carmen Aranha	345
O Narcisismo na Obra Folly de Valeska Soares em Inhotim Rosana Dalla Piazza e Arifon Omar Simis	356

Apresentação

Em 2011, realizamos a primeira edição do Simpósio Internacional *Espaços da mediação*, com o tema *Estratégias de Ensino da Arte Contemporânea em Museus e Instituições Culturais*. Na ocasião, o debate sobre fundamentos e estratégias vigentes nas instituições culturais trouxe o interesse de educadores, artistas, pesquisadores e professores, no sentido de ampliar a discussão sobre educação e arte na sociedade brasileira. Assim, dentro do mesmo contexto, organizamos, em 2013, o II Simpósio Internacional *Espaços da mediação – a arte e seus públicos* sobre apoios teórico-práticos para o visitante de uma exposição de arte e, em 2016, o III Simpósio Internacional *Espaços da mediação – A arte e suas histórias na educação*, em que situou conteúdos de educação e arte-educação e experiências do ensino da arte, abarcando inovações no âmbito das propostas pedagógicas atuais.

No ano de 2021, o Museu de Arte Contemporânea (MAC USP) realizou o IV Simpósio *Espaços de Mediação – Desenho como prática da memória*. Nesta edição, o evento teve o apoio do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (PGEHA USP), do *Grupo de Pesquisa Arte na Educação, na Formação de Professores e no Currículo Escolar*, do *Grupo de Pesquisa Cultura e Arte no Lazer e Turismo*, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O IV Simpósio *Espaços de Mediação – Desenho como prática da memória*, que aconteceu nos dias 23 a 25 de agosto de 2021 no MAC USP, trouxe para o centro do evento o viés da práxis artística, principalmente no campo do desenho e das pesquisas que refletem sobre a educação e a arte durante a pandemia, o desenho como linguagem contemporânea e a mediação das histórias da arte. O conjunto de mesas e palestras do evento procurou situar a linguagem do desenho como centro irradiador do pensar a educação contemporânea em arte dialogando, inclusive, com a história e o mundo de hoje, em que a informação e a interatividade passam a compor nossa compreensão.

Como resultado do IV Simpósio, editamos a presente publicação procurando reunir a produção de profissionais de museus, artistas, pesquisadores, educadores e arte-educadores em três eixos que nortearam as discussões das palestras e mesas: *Educação e arte na pandemia*, *Desenho como linguagem contemporânea* e *Mediação das histórias da arte*. Rolf Laven, da Universidade de Viena, Moema Rebouças, Adriana Della Valentina e Adriana Magro, da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. Rosa Iavelberg, Leandro de Oliva Costa Penha e Fernando Chuí de Menezes, da Faculdade de Educação da USP. Carmen Aranha, do MAC USP e os artistas Vitor Mizael, Rodrigo Munhoz, e Júnior Suci são alguns dos palestrantes que apresentam seus artigos no presente livro. Além dos professores e pesquisadores citados, os educadores do MAC USP: Andrea Biella, Evandro Nicolau, Maria Ângela Francoio e Renata Sant'Anna, apresentaram as pesquisas que desenvolvem no Museu. Dezoito pesquisadores, mestres, doutores, mestrandos e doutorandos de diversos programas de pós-graduação de todo o Brasil foram também selecionados para a presente publicação.

Acreditamos que as palestras e mesas-redondas, assim como os textos registrados neste livro, possam constituir uma significativa contribuição para o enriquecimento do debate sobre a arte e a educação.

São Paulo, 25 de agosto de 2021

Edson Leite
Carmen Aranha
Rosa Iavelberg
Evandro Nicolau

Trajectoria artística de Antonio Benetazzo: memória, educação e arte

Vera Lucia Aparecida Silva Souza
Carmen Sylvia Guimarães Aranha

Introdução

A história do tempo presente é um campo novo e mesmo muito recente entre os historiadores. As suas origens se prendem à percepção por parte de alguns historiadores de uma censura social, de uma pátina do esquecimento, que interditou a explicitação de muitas das lutas mais contemporâneas. (MORAES, 2006, p.11.)

O ano de 2019 foi marcado por diversos conflitos, reflexões e proposições que se deram no início do mandato do atual presidente da República. Disputas enfáticas foram motivadas pelo apoio de Jair Bolsonaro ao coronel Brillhante Ustra e a sua referência ao mesmo como “herói nacional”. Essas menções ao repressor trouxeram muitas indignações sobre os direitos que foram cerceados durante o período militar, especificamente quando o coronel comandou, estancando os direitos humanos com torturas físicas e psicológicas, abusos de autoridade e desvio de função, atos que eram de responsabilidade direta de Ustra.

Ante todo, la memoria tiene aquí un valor moral y político; es fidelidad a la verdad de los hechos, denuncia del mal cometido y resistencia a la mentira. Los imperativos de verdad y memoria forman parte de la cultura política contemporánea de América Latina, en particular donde hubo un notable movimiento por defender los derechos humanos. Y en ese contexto, “verdad” y “memoria” forman en lo sucesivo un par y se asimilan una a otra. (PÉROTIN-DUMON, 2007, p. 08-10)

É nesse viés que ressurge a história de Antonio Benetazzo, um ítalo-brasileiro ceifado da história que, enquanto vivo, participou de movimentos sociais dos estudantes da Universidade de São Paulo, da União dos Estudantes, de mobilizações artísticas e das relações com pessoas que hoje se apresentam bem-posicionadas no cenário das artes. Fatos que despertam o questionamento: como estaria o artista

Benetazzo na atualidade, se tivesse continuado as suas propostas artísticas? Sabe-se que há pesquisas e reflexões a respeito dos movimentos artísticos e dos aspectos históricos desse tempo, mas ainda há uma fenda na história de Antonio Benetazzo que nos desperta o interesse para sua reconstrução biográfica e de suas produções artísticas dentro do cenário da arte entre os anos de 1964 e 1972 e sua relação com a arte contemporânea a partir da década de 1970.

Vale lembrar, que os debates sobre memória e história, quando estamos nos referindo ao regime militar, nunca cessaram. Ganham, pelo contrário, nova movimentação devido às citações ao coronel pelo atual presidente e sua postura favorável a um período marcado por tantas violências e falta de direitos humanos.

Segundo Napolitano, há um grande desafio quando as democracias substituem regimes ditatoriais, pois se trata de dupla verdade, ou seja, dos lados jurídico e histórico.

Por um lado, há uma dimensão jurídica da verdade que é inquestionável, voltada para esclarecer crimes, sobretudo aqueles praticados pelos agentes de Estado, e localizar os corpos dos “desaparecidos políticos”. Por outro, há uma dimensão histórica, mais complicada de ser definida e encontrada, que se pauta pelo imperativo de narrar e analisar o processo de violência que se quer superar, de uma maneira que concilie as exigências éticas e metodológicas da historiografia, independente da sua coloração ideológica, e a função pedagógica de construir uma nova convivência democrática. (NAPOLITANO, 2015, p. 14.)

Nessa vertente citada, a pesquisa procura trazer à luz a reconstrução biográfica e artística de Antonio Benetazzo, desde a sua entrada para a Universidade até o silêncio após a morte ao qual o artista foi relegado.

Na trajetória de Benê, como era chamado, há a imigração para este país, os sonhos e os projetos artísticos sob a forma de uma arte de guerrilha, a insatisfação e a militância pela liberdade de expressão e o resgate da democracia. Nesse paradoxo, entre o sonho e o esfacelamento dos direitos, o presente artigo rememora a história do artista trazendo um panorama político, social e cultural entre o tempo em que foi atuante e o período no qual se deu o seu desaparecimento e a descoberta da sua causa morte.

Antonio Benetazzo nasceu em 1º de novembro de 1941, em Verona, Itália. Esse país vivenciou, no início do século XX, grandes acontecimentos: processo fascista que favorecia a comunicação de grupos dominantes que eram apoiados por grupos repressores, como os camisas negras; a instituição da pena de morte; a aproximação entre Mussolini e Hitler; a promulgação de leis antissemitas; e a Primeira e Segunda Guerra Mundial. Contudo, foi após a Segunda Guerra Mundial que o país viveu um processo emigratório, um tempo permeado de enfrentamentos, exclusão e intolerância produzidos durante o conflito mundial na Europa, que fizeram com que os indivíduos se sentissem tolhidos e inibidos (PAIVA, 2009). Nesse contexto, e em busca de melhores condições de vida, foi que os pais de Benetazzo decidiram deixar o país de origem e se mudaram com a família para o Brasil na década de 1950.

Benê chegou ao Brasil com 9 anos e com sua família buscou condições favoráveis para a sobrevivência, percorrendo algumas cidades de São Paulo. Encontrou o país em ascensão econômica, com crescimento industrial, em que aproximadamente 25% das pessoas deixavam o campo para tentar uma vida melhor nos grandes centros urbanos. Esse panorama foi favorável para os pais de Benetazzo, porque eram comerciantes. Em sua rota, a família passou pelas cidades de Guarulhos, São Vicente, Caraguatatuba e acabou se estabelecendo em Mogi das Cruzes.

Benetazzo, ainda pequeno, demonstrou aptidões artísticas, fazendo esboços que traziam experimentações e releituras do renascentista Michelangelo Buonarroti e de outros artistas italianos. Na cidade de Mogi das Cruzes, participou da criação do Teatro Experimental Mogiano, realizando a peça teatral “A exceção e a regra”, de Bertold Brecht, e participou do Grêmio Estudantil da Escola Estadual Dr. Washington Luiz. Em todos os lugares, sempre se demonstrou articulado e com envolvimento político.

Estudioso e ligado às linguagens artísticas, em 1963, Benetazzo ingressou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU USP). Tempos depois, ingressou no curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH USP). Como outros universitários

da época, Benetazzo fazia parte de um grupo de intelectuais que conhecia seus direitos e queria colocá-los em debate e prática.

Um ano depois de mudar-se para São Paulo e dar início a sua formação superior, em 1964, o país ingressou numa ditadura civil-militar, movimento que transformou todo o percurso do estudante. A ditadura militar marcou a época com repressão, censura e violência, mas também fortaleceu a ideologia política dos movimentos de esquerda. Havia um panorama de mudanças e de insatisfações com a diminuição dos direitos da população, em que Benetazzo foi se engajando em lutas por direitos humanos e busca pelo retorno da democracia. Esse mal-estar que se instalou na universidade ganhou força com as orientações das entidades estudantis, liderança que ouvia as expectativas dos estudantes ao mesmo tempo em que os impulsionava para ações concretas (TOLEDO, 2014).

Cursando duas faculdades, envolvido nas questões sociais e nos direitos humanos, Benetazzo também lecionou no Grêmio Estudantil da FFLCH USP, no Instituto de Arte e Decoração – IADê e no Cursinho do Grêmio Faculdade de Filosofia USP. Paralelamente, criava, fazia experimentações e deixava fluir seu lado artístico. Nas linguagens, mostrava suas origens italianas, mas, também, seu gosto por artistas como Kandinsky e Klee, que inspiravam suas produções e a discussão em aulas ministradas (CARDENUTO, 2016. p. 13-17).

Em meio às lutas contra o regime ditatorial, o artista dialogava com nomes da arte brasileira como Claudio Tozzi, que, em 1968, criou, junto a Benetazzo, a xilogravura “O povo contra a ditadura militar, por um Brasil livre”, obra que representou o movimento da União Nacional dos Estudantes.

Sem compreender o posicionamento das universidades, o jornal da União Estadual dos Estudantes (UEE) paulista apontou que estudantes do Centro Acadêmico da FFLCH USP ficaram na clandestinidade durante meses (FILHO, Martins, in TOLEDO, 2014, p. 107). O jornal mencionava que o Centro Universitário teve atitude passiva em relação às lutas estudantis e um descaso aos seus ideais, postura alienada frente às imposições do governo. Contudo, verifica-se o fortalecimento dos estudantes contra o regime que foi expresso de diferentes maneiras, dentre elas a arte, consolidando pensamentos contra a injustiça e os desmandos militares.

Não será exagero dizer que de lá para cá boa parte da melhor produção em cinema, teatro, música popular e ensaísmo social deveu o impulso à quebra meio prática e meio imaginária das barreiras de classe, esboçada naqueles anos, a qual demonstrou um incrível potencial de estímulo [...]. (SCHWARZ, R., in TOLEDO, 2014, p.129)

Schwarz afirmou que havia um contrassenso entre o caos e as criações artísticas, ou seja, a arte era remédio para curar as doenças da alma causadas pelas atrocidades do regime militar, fusão de dores e de esperanças que constituíam a vida dos artistas.

Benetazzo, por meio de experimentações, situou seu posicionamento político e a sua poética artística. Com esse ideal, participou da 2ª Exposição Jovem Arte Contemporânea, promovida pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), em 1968, com o desenho “E quando não tem inspiração?”. Em 1979, a obra foi usada no filme “Paula, a história de uma subversiva”, de Francisco Ramalho Junior, e, em 1990, na ilustração do volume 12 da revista “Teoria e Debate” (CARDENUTO, 2016. p. 53). Filiou-se à Aliança Libertadora Nacional (ALN) e, a partir de 1969, passou a viver na clandestinidade.

Um grande debate cultural sobre justiça, direito de ir e vir e liberdade de expressão se deu no Brasil, em 1971, temas que Benetazzo perpetuou em suas produções artísticas, em expressões fortes e lúcidas que mostram sua indignação e revolta contra o sistema. Nessa militância, ocorreu o desaparecimento de Benetazzo, em outubro de 1972, apontado como “suicídio na Rua João Boemer, no Brás”.

O silêncio: espaço entre a morte e redescoberta da obra de Antonio Benetazzo

A relação entre memória e história, nunca é demais lembrar, não é uma equação simples, na qual dois conjuntos bem delimitados de elementos se tangenciam em pontos específicos. (NAPOLITANO, 2015, p.10.)

Memória e história estão constantemente imbricadas, contudo, uma não descarta a outra. A memória pode apagar a história, silenciando fatos. Artimanha usada com eloquência e perspicácia no regime militar. No Departamento de Operações de Informação – Centro de Operações

de Defesa Interna (DOI-CODI), tudo foi planejado e elaborado para contribuir com o esquecimento, lugar carinhosamente chamado por seus frequentadores de “Casa da Vovó” (GODOY, 2014. p. 19-30).

Esse Departamento foi o lugar que manteve torturadores e torturados juntos. Uma casa aparentemente normal entre as Ruas Tutóia e Tomás Carvalhal, no bairro do Paraíso. Inicialmente, conhecida como Operação Bandeirante (Oban) e depois como Departamento de Operações e Informações (DOI-CODI) (GODOY, 2014. p. 300-314).

Na “Casa da Vovó”, os homens tinham liberdade para agir e brincar com as vidas das pessoas, expunham suas facetas. Um lugar em que seus frequentadores se apelidavam por médicos, clientes, pacientes, paqueras, cachorros, dentre outros, tudo dependia da brincadeira que aconteceria lá dentro (GODOY, 2014). Os fatos que ali aconteceram ficaram velados por longos anos, um silêncio denso para os familiares que tinham seus próximos desaparecidos. Silêncios construídos por inverdades que se davam nas perícias médicas não concluídas, nos corpos desaparecidos, nos assassinatos que se tornavam suicídios, nas manobras que enganavam e faziam com que os familiares se confundissem com informações contraditórias (CARDENUTO, 2016, p. 09-12). Esses fatos fizeram com que as histórias fossem ocultadas no tempo.

O silêncio foi se revelando após a década de 1970, quando os desaparecimentos não eram mais justificados ou explicados, dando início a uma intensa busca dos familiares para desvelar a história de seus entes queridos.

A história não revelada ganhou força e significado com pesquisadores, como Fernando Jordão, Paulo Markun, Lillian Perosa, Eder Sader, Marcos Napolitano, Mario Sergio Moraes, Marcelo Godoy e outros que se debruçaram para reconstruir a história das vítimas silenciadas pelo regime militar. Essas pesquisas fizeram-nos perceber que tudo foi orquestrado para manipular as verdades e o que de fato aconteceu tanto na “Casa da Vovó” como em outros aparelhos que foram usados pelo regime militar (GODOY, 2014).

O caso Benetazzo ganhou visibilidade em 2004, quando o jornalista Godoy começou sua pesquisa. Em entrevistas com os agentes que trabalharam no destacamento de São Paulo, a história de Benê ressurgiu, mostrando-a como um dos maiores abusos militares, nunca esquecido ou apagado da memória dos torturadores, em face a sua crueldade.



Figura 1: Sem Titulo (Obra incompleta), Antonio Benetazzo, 1972. 50 x 30 cm - grafite, guache e colagem sobre papel. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/exposicao-antonio-benetazzo/>, Acesso em 24/06/2021

Benetazzo, que na organização era chamado de Paulo, foi capturado em 27 de outubro de 1972 e levado para o DOI-CODI, onde permaneceu até o dia 30. Torturado, foi levado encapuzado ao Sítio 31 de Março, onde passaram com a roda do carro sobre sua cabeça. Certos de que o militante estava morto, o levaram para finalizar a ação. No caminho, Benê acordou e quis saber o que estava acontecendo. Os militares, assustados, voltaram ao local inicial e apedrejaram o artista até a morte para, depois, o levar até o Brás e o jogar na frente de um caminhão, simulando um suicídio (GODOY, 2014, p. 300-314).

Diante de contestações sobre a morte de Benetazzo, a imprensa divulgou diversas informações que, ao longo dos anos, tornaram os familiares sem condições de conhecer a real história da causa da morte de Antonio. Essas informações contraditórias permaneceram até que o autor Marcelo Godoy publicou seu livro em 2014 (CARDENUTO, 2016, p. 10), o que levou a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, SMDHC, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo, a dar acesso a essa produção como resgate da história e da arte de Antonio Benetazzo.

Ainda que se tenha desvendado a história do estudante e a causa da sua morte, não se conseguiu ainda, devolver à família e à sociedade o que Benetazzo representou para a arte brasileira. Antonio Benetazzo foi um intelectual reconhecido por diversas pessoas ligadas à arte e à cultura, dentre elas Claudio Tozzi, Francisco Ramalho Junior, Mario Prata e outros. Benetazzo foi professor, arquiteto, ator, artista plástico, redator e produtor.

Em meio às produções de Benetazzo, Cardenuto recuperou, aproximadamente, 180 obras distribuídas em casa de familiares e amigos, produções que estiveram na exposição “Permanência do Sensível”, em 2016. Acredita-se que ainda há outras não identificadas. Dentre essas obras, encontra-se sua última produção (figura 1), inacabada, marca de uma história interrompida. Guarda nela o silêncio de um tempo que não houve, uma ideia ceifada, uma experiência artística não concretizada ou, talvez, tenha sido...

Esse artigo apenas toca na possibilidade de se refletir sobre uma produção emblemática, que pode trazer os traços de um tempo histórico e artístico, um movimento marcado pela experimentação de materiais diversos, como tecidos, aparas e restos de bobinas de papel, latas, fios, cordas, papéis diversos, plásticos, papel alumínio. A experimentação com novos meios e mídias inspiraram muitos artistas contemporâneos, como Carlos Zílio, Carlos Vergara e Cildo Meireles e Benetazzo, que trazem em suas obras a mescla de movimentos da vanguarda da arte paulistana (GONÇALVES, 2007, p. 218).

[...] realizados ao longo da década, operam com os sistemas de distribuição das trocas cotidianas, adotam uma estratégia de guerrilha ao tomar as redes como meio. O artista apropria-se dos objetos que circulam nas trocas do dia-a-dia e subverte seus sentidos com palavras e frases contundentes. (GONÇALVES, 2007, p.234)

Para movimentar a crítica sobre a produção de Benetazzo, buscaremos, na tese de doutoramento, fundamentos no pensador francês Merleau-Ponty. O filósofo situa a arte como uma produção originária do conhecimento comovido por um olhar que vê o espetáculo oferecido pelo mundo da vida, esse átimo conquistado pelo *ato de ver vendo*. Esses aspectos fenomenológicos pontyanos justificarão e oferecerão instrumentais reflexivos para a interpretação da hipótese da tese, ou seja, “como a criatividade artística de Benetazzo foi se moldando como visualidade e entrelaçando à sua maneira ativa de ser”.

[...] meu corpo tem poder sobre o mundo quando minha percepção me oferece um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível, e quando minhas intenções motoras, desdobrando-se, recebem do mundo as respostas que esperam. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 337)

As relações com a fenomenologia do olhar, permitir-nos-ão compreender as obras de Benetazzo como um exercício de olhar que o projeto pedagógico curatorial pretende propiciar. Esse projeto será o fim precípua da pesquisa de doutoramento.

Considerações Finais

Por mais que o estado de São Paulo tenha tentado devolver o que foi tirado do artista, fica a incerteza do que a última obra queria dizer. Antonio Benetazzo e outros militantes foram calados e retirados de cena, homens e mulheres que acreditavam no restabelecimento da democracia. Combateram com a luta armada, o mesmo que fizeram os militares. Nesse contexto de falta de democracia e de excesso de violência, os militares perderam a consciência dos atos e da sensibilidade pela vida.

Olhares diferenciados de pesquisadores são trazidos para desvendar o quebra cabeça, de “verdades”. Reconhece-se que esse seja um ponto primordial por quem está no comando do relato, a memória pode ser manipulada para esconder os acontecimentos e modificar a história. Mas, para dirimir enganos, a pesquisa se valerá de relatos, memórias e estudos que trazem a vontade de construir uma consistência ao tema. É uma construção multifacetada, com vertentes diversas entre a arte, a história e a memória. Fala-se de um sujeito que transitou por diferentes âmbitos da arte, literatura e história.

Prenuncia-se uma pesquisa de doutorado que pode resgatar uma linguagem artística silenciada de um período da história brasileira recente.

Referências

ARANHA, Carmen Sylvia Guimarães. **Exercícios do olhar: conhecimento e visualidade**. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

ARNOLD, Dana. **Introdução à história da arte**. Trad. Jacqueline Valpassos. São Paulo: Ática, 2008.

CANTON, Katia. **Retrato da arte moderna: uma história no Brasil e no mundo ocidental (1860-1960)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CARDENUTO, Reinaldo. **Antonio Benetazzo, permanências do sensível (curadoria, organização e pesquisa)**. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e História Social: historiografia e pesquisa**. Proj. História. São Paulo: 1993.

GODOY, Marcelo. **A Casa da Vovó: uma biografia do DOI-Codi (1969-1991), o Centro de Sequestro, Tortura e Morte da Ditadura Militar**. São Paulo: Editora Alameda, 2014.

GOMBRICH, Ernest Hans. **A história da arte**. Trad. Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (org.). **A arte brasileira no século XX**. ABCA: MAC USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

GRECO, Heloisa Bizoca. **A dimensão trágica da luta pela anistia**. Belo Horizonte: Cad. Esc. Legis., v. 08, n. 13, 2005.

JORDÃO, Fernando Pacheco. **Dossiê Herzog - Prisão, tortura e morte no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1979.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 1.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. **O visível e o invisível**. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d' Oliveira. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

_____. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MORAES, Mário Sérgio de. **O caso da ditadura: caso Herzog**. São Paulo. Editora Barcarolla. 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro**. São Paulo: Antíteses, v. 08, n.15, 2015.

PADRÓS, Enrique Serra. **História do tempo presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos**. Florianópolis: Tempo e Argumento, v. 1, 2009.

PAIVA, Odair da Cruz. **Refugiados da Segunda Guerra Mundial e os Direitos Humanos**. Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos. São Paulo: FFLCH USP, 2009. Disponível em: <https://diversitas.fflch.usp.br/refugiados-da-segunda-guerra-mundial-e-os-direitos-humanos>

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. Trad. Patrícia Zimbre e Paulo Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PÉROTIN-DUMON, Anne. **Verdad y memoria. “Escribir la historia de nuestro tiempo”** In: PÉROTIN-DUMON, Anne (dir.). *Historizar el pasado vivo en América Latina*. Santiago de Chile: Universidad Alberto Hurtado, 2007, p. 08-10.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Cicatriz aberta ou página virada? Lembrar ou esquecer o golpe de 1964, quarenta anos de país**. Porto Alegre: Anos 90, v. 14, n. 26, 2007.

TOLEDO, Caio Navarro (org.) **1964: o golpe contra a democracia e as reformas**. Florianópolis: Ed. em Debate, UFSCAR, 2014.

TRAVERSO, Enzo. **Memoria y conflicto. Les violencias del siglo XX**. Disponível e: https://www.cccb.org/rcs_gene/traverso.pdf